

Canção perdida

Uma canção numa tarde inexplicavelmente vazia joga-me num lugar vago num tempo vago. Tão mal situado; eu, tentando desembaraçar-me de circunstâncias, obstáculos, lucidez... Eu, esta primeira pessoa nada singular; cadê meu convite pro banquete de Platão? Há vaga prum escravo recolhedor de vômito?

Tão mal situado na tarde vazia e a canção vaga, inexplicável, e eu sabendo que terei de lamentar a vida que se mostrou e fugiu.

A tarde volta a ser povoada e outra é a canção: cantada com naturalidade.

É até possível sentir os dentes perfeitos do cantor, a voz de quem terá um sono tranqüilo. O ar não é uma boa pista de dança, digo, ao avistar uma borboleta perdida. É um jogo de cartas marcadas, continuo, e sinto remorso - uma culpa azeda.

Como é a canção? Não me lembro mais. Quando a ouvi antes? Onde? Não sei.

Mais uma chance, borboleta, perdida, e a canção de dentes perfeitos chega ao fim.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/cancao-perdida-1>